



Primeira História: Asas

Finalmente, ela conseguiu. Já era a terceira vez que tentava. Aos 26 anos, J. finalmente chega ao aeroporto depois de deixar sua casa às escondidas. Ela vinha sendo mantida em casa pela família, que a preparava para casar com um homem – escolhido, é claro, por seu pai.

O casamento aconteceria em poucos dias, os preparativos tomavam a casa e numa ida à cozinha ela conseguiu misturar-se aos muitos empregados contratados para a festa. O sol forte entrava pela porta dos fundos, aberta para a rua. Sem saber bem como, ela conseguiu sair sem ser vista. Um amigo a esperava no ponto de ônibus. Fingindo ser seu marido, ele acompanhou J. no trajeto, já que mulheres não podem viajar sozinhas no transporte público na Arábia Saudita.

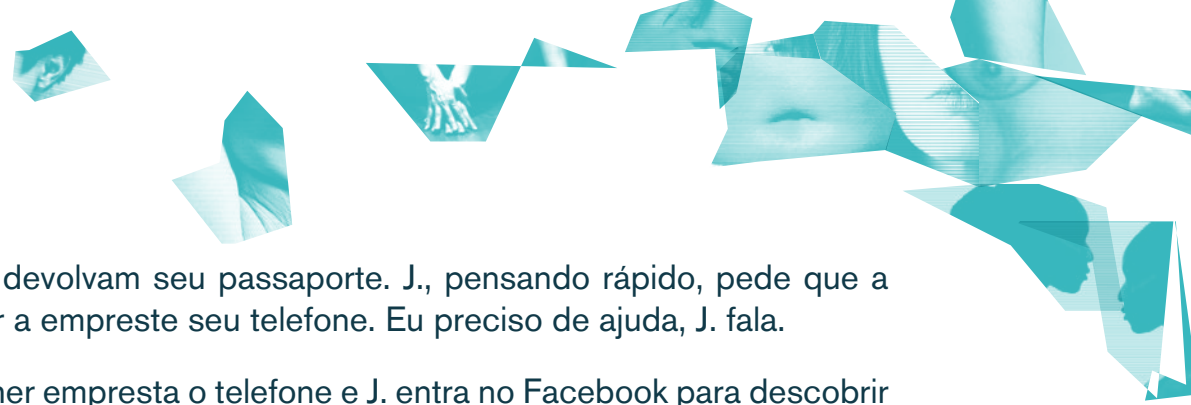
No hall do aeroporto, ela observa o seu rosto. Imaginava o que significava pra ele ajuda-la a fugir. Foi ele quem comprou e pagou sua passagem de avião. Ele poderia ser punido por isso. Seu peito aperta com o medo de que ele possa morrer porque a ajudou. Ela não tem palavras pra expressar a gratidão que sente por ele.

No avião, ela esperou as portas fecharem. O piloto desejar um bom vôo. Ela podia agora comemorar? O avião decola e seus olhos se enchem de água. As lágrimas escorrem. Ela precisa se conter, não pode chamar atenção, é arriscado. Mas a vista, as nuvens, a lua – tudo a comove. Ela deixou o reino dos mortos para entrar no mundo dos vivos. Ela precisa respirar fundo para não explodir de esperança.

Horas depois, o avião começa as manobras de descida. É a primeira escala. Ela sente que sobre as nuvens, naquele avião, viveu talvez os momentos mais felizes de sua vida. Na fila de imigração, mais espera. As pessoas se movem agitadas, ela ouve tantas línguas diferentes. Cansada, J. sente-se protegida. Ela é mais uma entre tanta gente.

É quando emergem da multidão três homens grandes. Eles se aproximam, eles a cercam, são três oficiais de imigração. Ela sente o peso de seu próprio corpo, como se fosse desmaiar. Acabou – ela sabe. Eles pedem seu passaporte, ela o entrega; eles a levam para uma sala onde ela ficará completamente sozinha. J sabia que a família descobriria que ela fugira, só não imaginou que seria tão rápido.

Após algumas horas, outra mulher entra na sala. Ela também parece desorientada, mas num inglês ruim explica a J. que também aguarda



que a devolvam seu passaporte. J., pensando rápido, pede que a mulher a empreste seu telefone. Eu preciso de ajuda, J. fala.

A mulher empresta o telefone e J. entra no Facebook para descobrir se seu amigo está a salvo. Por duas horas ela tenta contato com ele, sem sucesso. É possível que ele esteja preso, ou até morto. Sem nada a perder, ela liga a câmera do aparelho e filma a si mesma: Socorro, preciso de ajuda, estou presa, minha família vai me matar. Ela posta o vídeo nas redes sociais. A mulher que emprestou o telefone a ajuda a compartilhar o vídeo.

A mensagem se espalha em minutos. Organizações de direitos humanos são contatadas e tentam pressionar as autoridades no aeroporto. A mulher despede-se de J., precisa pegar seu voo. Elas trocam um abraço caloroso. A mulher diz que J. vai conseguir ajuda, que ela estará a salvo. As pessoas precisam conhecer o sofrimento das mulheres do seu país, as pessoas se importam, ela diz. Alguém fará alguma coisa.

J. se enche de esperança. Mas quando as portas se abrem novamente, ela vê seu irmão mais velho e seu primo entrarem na sala. Eles cospem nela, agarram seus braços e a levam violentamente.

Na fila do portão de embarque, ela implora que a deixem ir ao banheiro. Mas eles não querem saber. Como ela insiste, e grita, eles a golpeiam. Em segundos, ela desmaia. Eles a colocam em um carrinho, desses que transportam malas. Eles a empurram até a entrada do avião. Ali, naquele moderno salão envidraçado, em frente a multidão distraída e prestes a viajar para tantos lugares, J. não se aguentou. Desfalecida, ela fez xixi nas próprias calças.

Desde então, J. nunca mais postou nas redes sociais. Organizações de direitos humanos não conseguiram localizá-la. O paradeiro do seu amigo também é desconhecido. J. está desaparecida, e são pequenas as chances de que venham a encontrá-la.



Segunda História: *A bailarina*

Do seu quarto ela ouve a música que vem da sala. A festa ainda está cheia mas, ela precisava respirar. Estava exausta da formatura. Aos 23 anos, L. é agora uma bailarina profissional. Desde os 5 anos de idade esse era seu sonho. Mas o entusiasmo que fazia sua mãe comprar entradas para todas as apresentações de dança na cidade, ao longo de toda a sua vida, já não acende mais em seus olhos.

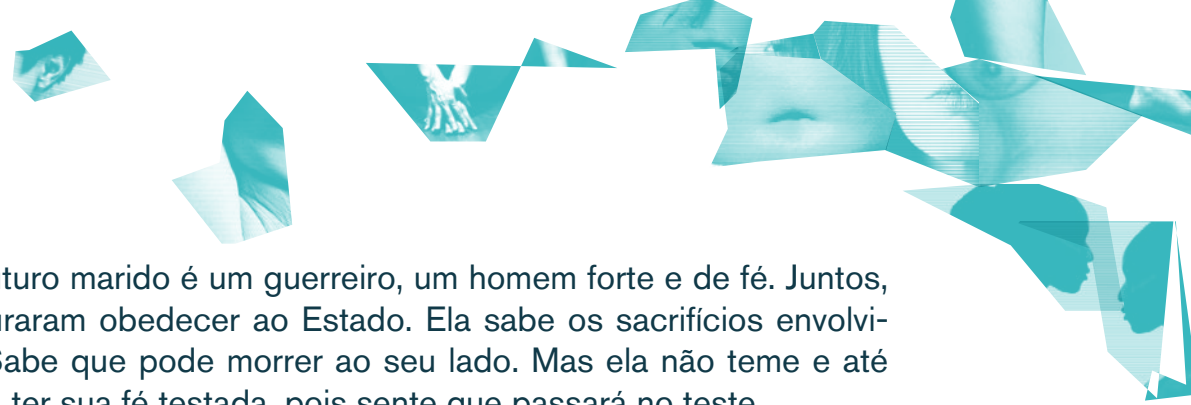
De agora em diante, ela pensou, não terei mais que fingir estar feliz ao expor meu corpo para os outros num palco, naquelas intermináveis coreografias. As desgastadas sapatilhas de ponta e as fotos das apresentações de balé vão todas para o lixo. São todas memórias de seu passado descrente. Agora não serão mais uma distração durante suas rezas e abluções.

Em seu armário, ela busca o crepe de seda preta. Ela o veste, cobrindo suas curvas. Seu corpo, tantas vezes sujo pelo olhar dos homens, agora está protegido. Seu coração acalma quando ela veste a luva, dedo após dedo. Envolta no tecido, ela fecha seus olhos e sonha com a companhia de seus Irmãos e Irmãs.

Na festa que sua mãe preparou pra ela naquele dia, L. não bebeu. Ela só pensava em deixar a casa para encontrar seu namorado, seu “príncipe”, como ela o chama. L. contará pra ele que está pronta para a vida que eles sempre sonharam. Ele concordou com a decisão dela de terminar a escola de dança já que seria a última coisa que ela faria de acordo com as regras da mãe. Ela sentia que devia isso à mãe. Mas agora, ela viveria sob as regras do homem que escolheu. Eles devem casar-se logo.

Em sua nova vida, seu plano é seguir seu príncipe. Só ele verá seu corpo. O homem que ela ama e em quem confia. Ele prometeu tomar conta dela e dos filhos que eles querem ter. Ele prometeu ficar ao seu lado pra sempre. Não fará como os homens que divorciam suas mulheres; como seu pai, que deixou sua mãe. Ela nunca sofrerá nas mãos de um homem, é o que ela espera.

L. acredita que ele abriu seus olhos para a fé. Ela assistiu a todos os vídeos que ele mandou, ouviu todas as músicas, decorou todos os versos. Ela sempre sentiu que a verdade estava dentro dela. Em sua intuição. Eles aguardam ansiosos o momento de deixarem a França e juntarem-se aos seus Irmãos e Irmãs.



Seu futuro marido é um guerreiro, um homem forte e de fé. Juntos, eles juraram obedecer ao Estado. Ela sabe os sacrifícios envolvidos. Sabe que pode morrer ao seu lado. Mas ela não teme e até deseja ter sua fé testada, pois sente que passará no teste.

L. foi vista pela última vez em Outubro de 2016. Uma colega da escola avisou à mãe de L. dos seus planos de sair do país. Mas já era tarde. Sobre a cama, L. deixou uma carta pedindo à mãe que não a procurasse. Sua mãe contatou a polícia e outras autoridades, mas era perigoso ir atrás dela. Nada pode ser feito, eles disseram. Para desespero de sua mãe, L. já não pode ser encontrada.



Terceira História: *Fronteira*

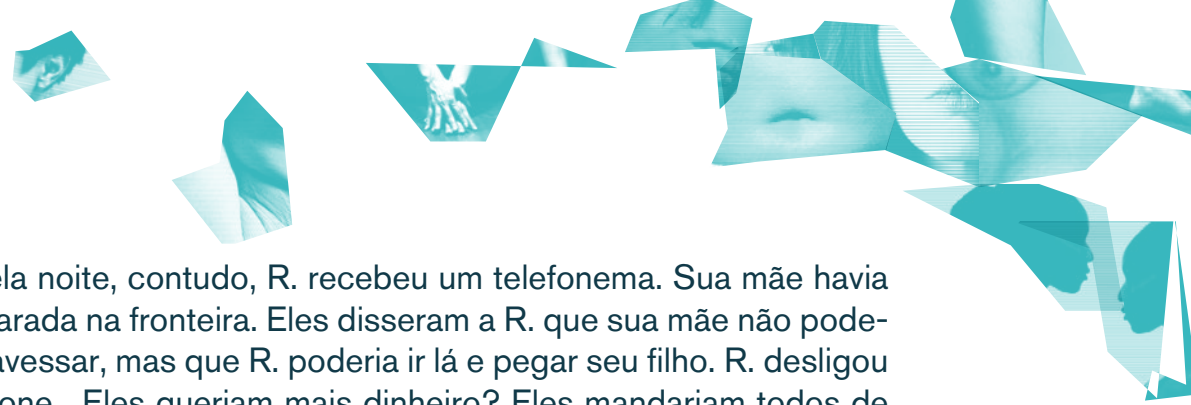
Ao entrar no ônibus que vai para o centro da cidade R., 38 anos, olha nos olhos do motorista pela primeira vez. Ela tem feito este itinerário há meses, mas nunca ousou permitir que este jovem – ou qualquer pessoa na rua – visse seu rosto. Sempre trazia chapéu e um véu cobrindo a face. Hoje, porém, olhando-se no espelho de manhã e sentindo que a cicatriz estava menor, decidiu arriscar. O motorista fez uma leve careta ao ver seu rosto, como ela já esperava, mas em seguida, ele sorriu. Esse foi pra ela um prenúncio de que sua vida iria melhorar.

R. dirige-se ao hospital para uma nova sessão de uma série de cirurgias plásticas que vem enfrentando há meses. Seu médico, ainda jovem, é voluntário num programa criado para ajudar desertores do Regime da Coreia do Norte a se livrarem de marcas dolorosas do passado. R. ainda tem algumas sessões pela frente, mas o difícil caminho adiante não parece nada comparado à violência que ela enfrentou no passado. Há sete anos, quando ainda morava na Coreia do Norte, seu marido jogou ácido em seu rosto pois ela anunciou que ia deixá-lo.

Andar com a cabeça erguida – esse era seu sonho agora. Ela não quer que seu filho sinta vergonha dela quando eles finalmente se encontrarem de novo. O menino, de 8 anos, ficou na Coreia do Norte com a avó. Recentemente, porém, o pai de R. faleceu e sua mãe decidiu trazer o menino com ela. R. endividou-se e juntou todo o dinheiro que tinha para poder pagar os contrabandistas. Em alguns dias, ela acredita, eles serão uma família unida outra vez.

R. quer encontrar um bom emprego para pagar suas dívidas e ter uma vida melhor. Todas as noites ela assiste a Talk Shows na TV onde mulheres norte-coreanas como ela contam histórias trágicas de suas vidas miseráveis no Norte. Na TV, todas estão bem vestidas, maquiadas e com cabelos impecáveis. Algumas até se tornaram celebridades. Com seu rosto deformado, porém, aparecer na TV é um sonho impossível. A perspectiva de deixar os empregos mal pagos e noturnos para assumir uma vaga diurna, sem vergonha de ser vista à luz do dia, já lhe parece boa o suficiente.

Nos próximos dias, ela compraria velas e flores para deixar a casa bonita para receber sua mãe e seu filho. Era difícil parar de pensar em sua mãe idosa lutando para atravessar as montanhas e chegar à cidade, mas R. estava confiante de que ela conseguiria. Seu filho, ainda que menino, era corajoso e a ajudaria.



Naquela noite, contudo, R. recebeu um telefonema. Sua mãe havia sido parada na fronteira. Eles disseram a R. que sua mãe não poderia atravessar, mas que R. poderia ir lá e pegar seu filho. R. desligou o telefone. Eles queriam mais dinheiro? Eles mandariam todos de volta? Num só golpe, toda a esperança de uma vida nova desaparecia. R. não sabia o que fazer, mas ao imaginar sua mãe e seu filho presos na fronteira sua garganta berrou um choro seco.

R. embarcou num ônibus no meio da noite. Ao entrar, ela voltou a esconder seu rosto, evitando ser vista por outros passageiros. Quantas vezes mais nessa vida sentiria-se uma fugitiva?

O motorista do ônibus, no entanto, lembraria dela. Quando uma organização de direitos humanos sul-coreana o localizou, semanas depois, tentando descobrir o paradeiro de R., ele lembrava da moça que tinha o rosto deformado. Nenhuma câmera de segurança registrou seu percurso. As autoridades, de ambos os lados, dela nada sabem. R., assim como sua mãe e seu filho de oito anos, nunca mais foram encontrados.



Quarta História: *É menina.*

Na tarde chuvosa, a umidade dentro do quarto é quase palpável. É possível ver o Monte Jinfo pela janela, coberto por uma névoa densa. Um grito de dor quebra o silêncio quase religioso da casa. Deitada na cama, a mãe segue as instruções da sogra: contrai o abdômen e, fazendo muita força, empurra. Respira, segura-se na cama, empurra novamente. A cabecinha aparece. A dor lateja, insuportável. O choro da mãe se transforma em um gemido sonoro, como se ela tentasse sair de si mesma. Finalmente, com um último esforço, o corpo inteiro está fora.

A sogra corta cuidadosamente o cordão umbilical quando o pai e o tio entram no quarto, curiosos. Eles não podem ter outro filho, o governo chinês impõe uma multa alta, que eles não teriam como pagar. Famílias perderam casas e empregos. Eles tinham apenas uma chance e o resultado não podia ser melhor. É um menino.

A sogra dá um banho no recém-nascido para que o pai possa segurá-lo. Na cama, a mãe respira profundamente e sente que cumpriu seu dever. Ela fecha os olhos e tenta relaxar quando uma dor brusca a atinge novamente. Todos se viram para ela, seu corpo se contrai novamente. O parto ainda não acabou.

A sogra corre pra ajudar enquanto o pai e o tio permanecem imóveis. Desorientados. Um novo grito preenche o quarto com apreensão. Amedrontada, a mãe faz força novamente, preparando-se para enfrentar o que quer que aconteça.

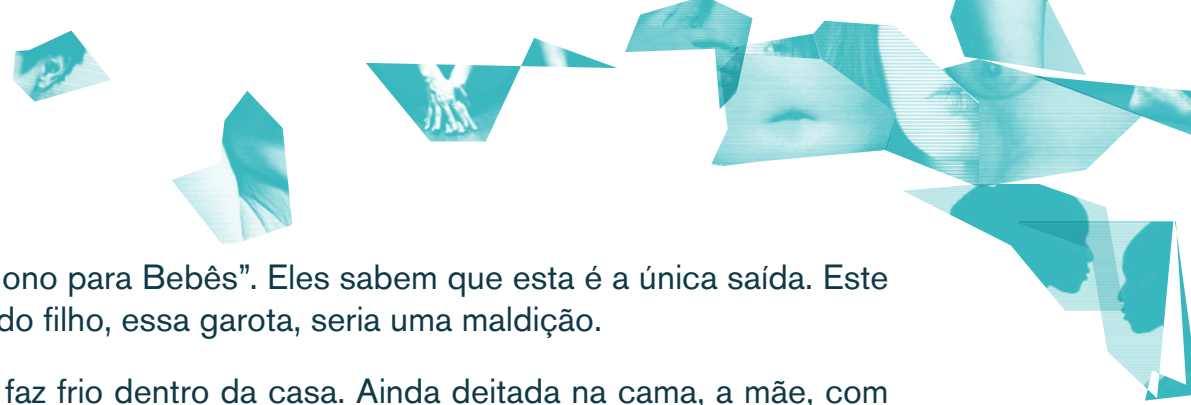
Determinado, o segundo bebê nasce rápido. A pequena plateia assiste horrorizada sua chegada irreparável ao mundo. É uma menina.

A sogra corta o cordão umbilical e envolve o corpo frágil em um pano branco. Seus gritos quase perfuram o tecido. A mãe olha para o marido. O mundo parece girar ao redor deles.

A sogra apanha o menino e o entrega à mãe. Ele mama, voraz. A sogra, o pai e o tio saem do quarto com a menina. Em silêncio, eles sabem o que fazer.

Num pedaço de papel, o pai escreve a data e hora de nascimento. Ele tenta segurar as lágrimas. Tentando ajudar, o tio segura a bebê e a coloca em uma cesta de pão que encontrou na cozinha.

Após dirigir por alguns quilômetros, o pai e o tio chegam ao pequeno prédio que fica na estrada principal. Um letreiro diz: “Centro de



Abandono para Bebês”. Eles sabem que esta é a única saída. Este segundo filho, essa garota, seria uma maldição.

Agora faz frio dentro da casa. Ainda deitada na cama, a mãe, com os olhos abertos, amamenta o bebê. O pai voltará em breve, diz a sogra. Eles devem comemorar a chegada de seu filho. A mãe fecha os olhos, e sentindo o leite que jorra, sussurra para si mesma o nome de sua filha. Seria S. Mas a mãe nunca saberá nada sobre ela.



Quinta História: *Uma mulher forte*

M. lembra de seu pai como um homem bom até ele perder o emprego, começar a beber e se tornar cada vez mais violento. Ela viu sua mãe ser agredida muitas vezes. M. prometeu a si mesma que jamais deixaria um homem bater nela. Ela se tornaria uma mulher forte, a qualquer custo.

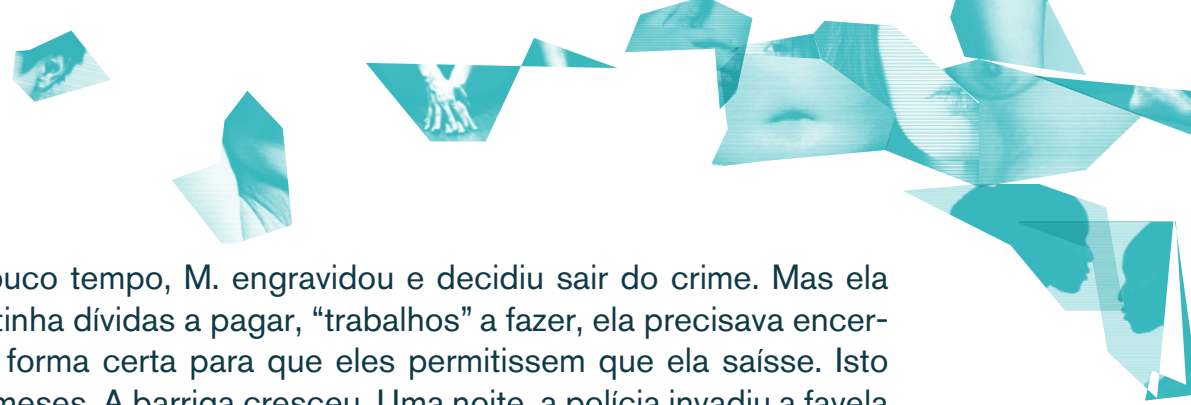
Os garotos do bairro que carregavam armas pela vizinhança tinham poder. Eles podiam punir os homens que abusavam de mulheres, se quisessem. Eles poderiam protegê-la. Eles eram corajosos, jovens como ela e logo se tornariam sua família.

Hoje, quase dez anos se passaram desde que M. entrou para o grupo. Ela tem 22 anos. Ela não sabe como a facção vai reagir à notícia, mas sabe que precisa falar com eles. No caminho ela escuta música, eles estão dando uma festa. Talvez estejam mais relaxados, pensa. O barulho provavelmente incomoda os vizinhos, mas ninguém ousa reclamar. M. sobe os degraus da favela de uma pequena cidade do Norte do Brasil rezando para que seu plano funcione.

Na entrada da casa, dois meninos que ela nunca viu, com cerca de 10 ou 11 anos, segurando armas maiores do que eles, perguntam o que ela tá fazendo ali. Firme, ela responde que o chefe deles está esperando por ela. Ela poderia ter mostrado as tatuagens que carrega com nomes de velhos amigos da facção. Poderia ter explicado que essas tatuagens a protegeram muitas vezes na prisão. Mas ela não quer provocar nenhuma reação exagerada. Eles são muito novos – tão jovens quanto ela era quando se envolveu. Mas agora, eles tem as armas.

M. sempre soube que precisaria vender drogas, roubar, lidar com policiais corruptos. Ela teria que matar. Ela teria que assistir enquanto estupravam uma mulher, a esposa de um rival da facção. Ela teria que matar esta mulher para provar sua lealdade. M. lembra que a mulher implorou pela própria vida, dizendo que tinha três filhos. Mas M. fechou os olhos e matou-a. Porque não era frágil como ela. Porque era capaz de qualquer coisa, como os garotos eram.

M. se apaixonou por garotos do grupo muitas vezes. Alguns foram assassinados por policiais, outros a deixaram. Mas em uma festa na favela ela conheceu um garoto de fora. Ele era estudante, queria ter um bom emprego. Eles se apaixonaram e ele queria tirá-la daquela vida.



Em pouco tempo, M. engravidou e decidiu sair do crime. Mas ela ainda tinha dívidas a pagar, “trabalhos” a fazer, ela precisava encerrar da forma certa para que eles permitissem que ela saísse. Isto levou meses. A barriga cresceu. Uma noite, a polícia invadiu a favela e ela não tinha agilidade para correr. Um policial a espancou brutalmente e a largou, desacordada, na rua. No dia seguinte, levada a um hospital, ela perdeu o bebê. O namorado terminou com ela e saiu da cidade.

Depois de dias no hospital, a mãe de M. conseguiu levá-la para a casa de um tio numa cidade a algumas horas de distância. M. chorou por semanas, certa de que estava sendo punida por Deus por todas as coisas ruins que tinha feito. Depois de alguns meses, seu tio arrumou-lhe um emprego. Mas para começar uma nova vida, ela antes deveria pedir permissão para o chefe da facção. Eles eram a família dela. Ela não podia traí-los. Ela queria que eles compreendessem sua escolha e a deixassem ir.

Por isso ela está de volta agora. Na sua antiga rua, os vizinhos dão boas vindas. A festa não é pra ela, mas ela sente como se fosse. Vai dar certo. Ela está a apenas alguns passos de uma nova vida. Ela entra na festa.

M. olha em volta a procura dos amigos, mas vê apenas muitas caras novas. Novos soldados. O chefe atual é ela conhece há tempos. Eles viveram tantas coisas juntos. Ele fica feliz em vê-la, mas desapontado quando ela diz que vai deixar a família. Eles bebem, conversam. Mas quando ele se aproxima para um abraço de despedida – ela sente uma dor aguda.

Um grito é ouvido. E então, tiros. A festa acabou.

Alguns disseram que a levaram para o topo do morro e a torturam, outros que ela fugiu com o chefe do morro. Há boatos de que eram velhos amantes e ela vive na favela, escondida com ele. Alguns vizinhos juram que a veem caminhar à noite pelas ruelas do bairro, como um fantasma. A polícia nunca procuraria por ela. A mãe de M. já não procura, mas espera pelo dia em que sua filha voltará.



Sexta História: *Viral*

Seu coração acelerava sempre que ela trancava a porta do quarto. Ela ia começar. Todos os dias, depois da escola, G., 16 anos, tinha duas horas sozinha antes de seus pais chegarem em casa. Era quando ela realizava o seu pequeno ritual.

Primeiro tomava um banho, depois vestia uma lingerie comprada pela internet. Colocava uma música e então preparava o cenário. Uma luz baixa, alguns travesseiros na cama. Tirava as fotos de amigos das paredes e, finalmente, abria o laptop.

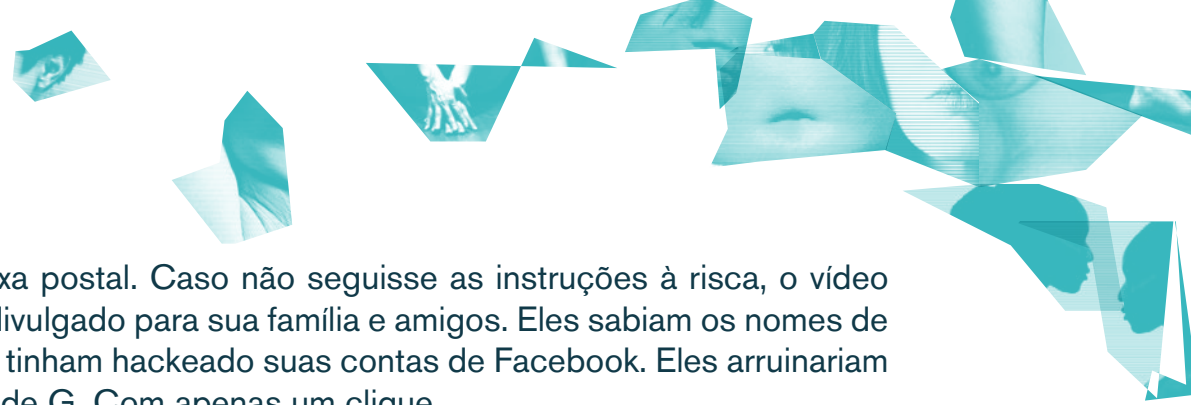
Com a luz da webcam acesa, G. começava a dançar, curvando-se levemente ao ritmo da música. Aos poucos, ela revelava algumas partes de seu corpo. Ombro, um pouco dos quadris, o umbigo. Mas apenas quando tilintar dos tokens virtuais começava é que ela sentia a adrenalina percorrer seu corpo. Eram enviados por dezenas de homens anônimos, conectados ao seu show ao vivo. Sua plateia estava lá, e eles estavam gostando. Ela continuava a dançar, revelando mais o seu corpo, cuidando para nunca mostrar sua face.

G. sabia que poderia transformar os tokens em dinheiro de verdade, mas ela não pensava nisso. Ela nem tinha sua própria conta bancária ainda. O que ela queria era se divertir. Nunca, nenhum garoto a fez sentir-se assim. Eram todos meninos demais.

Numa tarde, enquanto se preparava para mais um show, G. abriu seu laptop e notou que havia recebido um e-mail estranho, de uma fonte anônima. A mensagem dizia: “Siga as instruções ou você está ferrada”. Ela abriu o anexo e sentiu suas pernas bambas. Um vídeo mostrava um de seus shows: completamente nua, G. dançava em seu quarto. No final, uma montagem tosca trazia sua foto de perfil no Facebook com a palavra: “vadia”.

O medo paralisou seu corpo como uma onda fria. Foi quando as palavras de uma professora, ouvidas em um seminário na escola, vieram à sua cabeça. Sextortion. Cyber Bullying. Era isso que eles queriam? A coisa certa a fazer seria ir à polícia ou contar aos pais. Mas como lidar com a vergonha? Sua mãe, seu pai, sua melhor amiga Lila, a escola, a cidade inteira. E pior ainda: a Internet. Seu corpo nu viralizado e compartilhado em milhões de telas ao redor do mundo. Ela preferia morrer.

Pelas próximas semanas, G. deveria enviar, sempre às sextas-feiras às 10h da manhã, R\$1.000,00 em um envelope para um endereço



de caixa postal. Caso não seguisse as instruções à risca, o vídeo seria divulgado para sua família e amigos. Eles sabiam os nomes de todos, tinham hackeado suas contas de Facebook. Eles arruinariam a vida de G. Com apenas um clique.

Quando G. esgotou suas economias, ela começou a roubar da bolsa da mãe. Mal saía do quarto, não queria falar com ninguém. Também não conseguia comer. G. emagreceu, tornou-se pálida e frágil. Perdeu provas na escola, suas notas despencaram. Afastando-se dos amigos, fechou todas as contas em redes sociais e gradativamente foi perdendo o contato com o mundo.

Numa quinta de manhã ela tentou sacar dinheiro com o cartão roubado do pai num posto de gasolina, mas um funcionário intercedeu. Ele começou a fazer perguntas e G. ficou confusa. As câmeras de segurança mostram G. correndo afobada pelas ruas. Ela não foi à escola neste dia. Ela sabia que não teria o dinheiro para postar o nono envelope.

Naquela noite, uma assistente da escola ligou para sua casa. Ela vinha faltando aulas sem nenhum aviso da família. Seus pais tem estado ocupados, chegam cansados do trabalho. Eles sabiam que havia algo errado com G., mas não tiveram tempo nem energia pra perguntar. Talvez fosse a hora de terem uma conversa, pensaram. Da sala de estar, eles chamam o nome da filha. Mas G. já não responderia mais.